

# O QUE AS ONDAS COBREM? A IMIGRAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA NOVA REPÚBLICA (1985-)

## WHAT DO THE WAVES COVER? BRAZILIAN IMMIGRATION SINCE THE NEW REPUBLIC (1985-)

Gustavo Dias <sup>1</sup>[0000-0001-5325-3253]

Lucia Bógus <sup>2</sup>[0000-0002-3431-7298]

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Faculdade de Ciências Sociais,  
Departamento de Sociologia  
tentonidias@hotmail.com, lubogus@uol.com.br

**Resumo.** Essa apresentação explora, criticamente, as limitações de compreensão contidas na categoria “onda migratória”, recorrentemente utilizada pela literatura acadêmica focada na imigração brasileira e pela produção midiática, nas últimas quatro décadas. A utilização de tal metáfora hidráulica, levanta, a princípio, duas questões que merecem uma cautelosa avaliação. A primeira, é que sua dimensão semântica sugere uma explicação mais comprometida com a insegurança da sociedade de destino do que com o fenômeno migratório em si. A segunda sugere que tal categoria produz pouca clareza interpretativa, ao distanciar-se da conjuntura política brasileira e focar, exclusivamente, em súbitas crises de curta duração que, por si só, fragmentam uma compreensão mais ampla da conjuntura política e econômica. Argumentamos, portanto, que tais “picos migratórios” podem ser melhor compreendidos dentro de uma dimensão diacrônica de ordem conjuntural: a passagem da Ditadura Militar para a Nova República (1985-). A pesquisa é centrada em um aporte teórico que envolve a historiografia, a economia. Ela ganha sustentação através da análise dos bancos de dados disponibilizados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil e do US The Yearbook of Immigration Statistics. O desigual modelo econômico imposto pelas elites brasileiras a partir da agenda neoliberal adotada a partir da década de 1990, via Consenso de Washington, apresenta um país que sofre uma profunda mudança estrutural em seu modelo econômico: a redução da complexidade econômica e da produtividade agregada. A migração brasileira revela um profundo processo de reordenamento populacional, em função de um capital excludente, gerido por uma elite empresarial especializada em commodities e serviços não sofisticados. Através de estudos centrados em classe social, gênero e raça, presenciamos um processo contínuo de expulsão dos mais vulneráveis. Largados à mercê de regimes de fronteiras de economias centrais, brasileiros são retratados enquanto perigosas ondas, prontas para arrebentar território adentro.

**Palavras-chave:** Migração Brasileira, Nova República, Consenso de Washington, Desindustrialização, Desenvolvimentismo Dependente.

**Abstract.** This presentation critically explores the limitations of understanding contained in the category "migration wave," recurrently used by academic literature focused on Brazilian immigration and by media production over the last four decades. The use of this hydraulic metaphor initially raises two questions that deserve careful evaluation. The first is that its semantic dimension suggests an explanation more committed to the insecurity of the destination society than to the migration phenomenon itself. The second suggests that this category provides little interpretive clarity by distancing itself from the Brazilian political context and focusing exclusively on sudden, short-lived crises that, by themselves, fragment a broader understanding of the political and economic context. We therefore argue that such "migration peaks" can be better understood within a diachronic dimension of a conjunctural order: the transition from the Military Dictatorship to the New Republic (1985–). The research is centered on a theoretical contribution involving historiography and economics. It is supported by an analysis of databases made available by Brazil's Ministry of Foreign Affairs and the U.S. Yearbook of Immigration Statistics. The unequal economic model imposed by Brazilian elites through the neoliberal agenda adopted from the 1990s onward, via the Washington Consensus, presents a country undergoing a profound structural change in its economic model: a reduction in economic complexity and aggregate productivity. Brazilian migration reveals a profound process of population reordering as a result of exclusionary capital managed by a business elite specializing in commodities and unsophisticated services. Through studies centered on social class, gender, and race, we witness a continuous process of expulsion of the most vulnerable. Left at the mercy of the border regimes of core economies, Brazilians are portrayed as dangerous waves, ready to break into their territories.

**Keywords:** Brazilian Migration, New Republic, Washington Consensus, Deindustrialization, Dependent Developmentalism.

Esse estudo analisa, criticamente, as limitações de compreensão contidas na categoria “onda migratória”, recorrentemente utilizada pela literatura acadêmica focada na imigração brasileira e pela produção midiática, nas últimas quatro décadas. Argumentamos que a metáfora “onda” utilizada para explicar fenômenos migratórios carrega relação de poder (Van Dijk, 2020). Não é neutra. Ondas, em linhas gerais, refere-se a perturbações de ordem energética que se propagam espacialmente. Dependendo da intensidade, podem ter efeitos trágicos em regiões portuárias “desprotegidas”. Como pensarmos, portanto, o uso dessa metáfora em fontes jornalísticas e acadêmicas que buscam explicar as diversas “ondas migratórias” brasileiras adentrando o território português e/ou estadunidense? Tais matérias, capazes de gerar uma falsa sensação de invasão, destruição de organizações políticas, sociais e econômicas, focam, de forma distorcida, exclusivamente, na chegada dessa população. Imigração, perigosamente, passa a ser entendida como sinônimo de crise, controle e gestão (Sayad, 1998; Mezzadra, Neilson, 2013). Migrantes de distintas nacionalidades, exclusivamente oriundos de países subdesenvolvidos, classificados como ilegais e, supostamente, produzidos por crises particulares, compõem a grande perturbação de ordem econômica. Regimes de fronteiras e políticas migratórias severas são vislumbrados como mecanismos capazes de conter supostas tragédias sociais e econômicas.

Em linhas gerais, ondas migratórias de brasileiros são interpretadas enquanto ciclos curtos, estritamente atrelados a crises econômicas esporádicas vividas pela sociedade brasileira. Contudo, tendem a ser analisadas sem aprofundamento acerca da conjuntura política e econômica vivida pela sociedade brasileira. Assim, a “primeira onda migratória” ocorre no final da década de 1980 e tem como marco histórico as crises do petróleo e a Década Perdida. O perfil migratório é essencialmente de homens de colarinho branco e que migram temporariamente para os Estados Unidos e Europa para exercer trabalhos de baixa qualificação. Ainda que estudos pioneiros tenham trazido uma breve análise econômica da Década Perdida, enquanto motivo central, esses estudos estavam, em sua maioria, embebidos em análises centradas no modelo *push-pull*, produzidos em academias estadunidenses e europeias. A “segunda onda migratória”, por sua vez, desdobra-se no início da década de 2000 e guarda particularidades. A primeira, foi centrar, exclusivamente, no conceito de rede migratória e eliminar uma dimensão econômica e política nacional mais densa do debate. Heterogênea, é caracterizada como um fenômeno inédito ao marcar a presença de brasileiros de classe social baixa. Redes migratórias são entendidas como mecanismo social central para assegurar a mobilidade desses brasileiros através de países europeus e dos Estados Unidos. Estudos conduzidos em Portugal sugerem que a partir de 2017 o Brasil estaria experimentando uma suposta “terceira onda migratória”, ocasionada pela crise econômica brasileira de 2015. E, finalmente, a partir do governo Bolsonaro e da pandemia de COVID-19, estaria o país produzindo uma nova “onda migratória”. Não por acaso, presenciamos, outra vez, um aumento considerável de matérias jornalísticas e a presença do tema voltando a ganhar relevância na academia.

Apesar de serem produzidas em distintos e curtos recortes temporais, é possível compreendermos, ainda, um padrão de elementos que se faz presente em cada uma dessas ondas migratórias. Desemprego, aumento do custo de vida, inflação e violência urbana são alguns dos pontos enumerados por pesquisas e matérias jornalísticas para justificar a imigração abrupta de brasileiros para o exterior. Como brevemente apresentado no parágrafo anterior, os estudos ganham força junto ao próprio fenômeno migratório no final da década de 1980 e, desde então, presenciamos sucessivas “ondas migratórias” ganharem forma e rapidamente se dissiparem.

Para além dos riscos em utilizar tal metáfora hidráulica e todo o impacto semântico presente na mesma, argumento, ainda, que a compreensão da migração brasileira através dessa proposta fica restrita a cada crise econômica e a eventual formação de uma “onda”. O que ocorre, por exemplo, entre a formação e dispersão de cada um desses picos migratórios? Estaria a migração brasileira suspensa nesses intervalos? Ao longo desses quase quarenta anos de fenômeno migratório, estaria a academia equivocadamente focando em crises pontuais e deixando escapar uma análise mais rigorosa da conjuntura política e econômica brasileira? Através dessas perguntas, oferecemos uma leitura crítica da migração brasileira sustentada em uma estrutura temporal capaz de abarcar e conectar as sucessivas crises/ondas migratórias dentro de uma conjuntura econômica e política comum.

Ainda que a migração brasileira apresente vagas migratórias de ordem factual, metaforizadas em “ondas”, argumentamos que eles são partes constituintes de um processo histórico vigente e que, portanto, podem ser melhor compreendidos dentro de uma dimensão diacrônica de maior duração. Nossa proposta é seguir uma linha analítica que não almeja escolher uma dimensão temporal em face da exclusão de outras. Pelo contrário, propomos compreender as distintas dimensões temporais que se sobrepõem, umas às outras, e tornam o fenômeno migratório brasileiro um processo de formação

histórica mais complexo (Braudel, 2018). Em vista disso, ele é possível de ser entendido através de distintos fatores sociais, como, por exemplo, classe social, gênero e raça, os quais aparecem e se relacionam ao longo dessas décadas e, até mesmo, em cada vaga. Através de análise quantitativa, essa apresentação analisa a migração brasileira a partir da conjuntura histórica brasileira. Demonstramos como esse fenômeno social guarda relações diretas com as transformações econômicas e políticas sofridas pela sociedade brasileira a partir da passagem da Ditadura Militar para a instauração da Nova República, em 1985. Em específico, focarei em como o processo de redemocratização do país, aliado às profundas mudanças, desencadeadas a partir da segunda metade da década de 1980, foi responsável pelo acelerado processo de desmonte do complexo industrial brasileiro. Desemprego, reformas trabalhistas e precarização do trabalho têm sido elementos centrais nessa migração que tem, como público principal, uma população urbana.

Com isso, sustentamos que a mudança política adotada pelo Brasil, durante a passagem da Ditadura Militar (1964-1985) para a redemocratização do país, concomitantemente à adoção de um modelo econômico desenvolvimentista associado e dependente – que está dentro do paradigma liberal –, são fatores decisivos para compreendermos as crises econômicas e ondas migratórias enquanto partes de um período histórico mais amplo e que compreende quase quatro décadas da história brasileira. Paralelamente a isso, demonstramos que, para além das vagas, a imigração brasileira é um fenômeno contínuo, com a inserção de novos agentes migratórios, ao longo dos anos, novos destinos, formação de comunidades no exterior e, portanto, em constante mutação, independentemente de despertar ou não interesse midiático e acadêmico no momento em que os picos se formam.

Portanto, essa apresentação encontra-se organizada em três seções. Na primeira, apresentamos, brevemente, as particularidades de cada pico migratório e os limites guardados pela metáfora hidráulica empregada (Dias, 2019). Em seguida, através de dados disponibilizados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil e do *US The Yearbook of Immigration Statistics*, sustentamos que a migração brasileira internacional é um processo contínuo ao longo de toda a formação da Nova República brasileira. Dado ao fato dos Estados Unidos ser historicamente o principal local de destino e, ainda, oferecer um banco de dados acessível, focamos na migração brasileira para esse país. Por fim, centrado em um aporte literário que envolve a historiografia e a economia, exploramos a migração brasileira através de uma dimensão conjuntural (Fiori, 2003; Araujo, Mattos, 2021).

Assim, apresentamos a hipótese de que a migração massiva de brasileiros em curso não é um movimento que se possa entender por si só. É antes parte de uma história conjuntural diretamente ligada à agenda neoliberal imposta no país, por setores conservadores das elites brasileiras e internacionais, nas últimas quatro décadas. Sua origem pode ser atribuída à mudança abrupta do modelo econômico adotado pelo país na passagem da Ditadura Militar (1964-1986) para o processo de redemocratização do país. Com um olhar mais profundo sobre os dados produzidos pela literatura voltada para a migração brasileira, é possível notar que, a partir do final dos anos 1980, a migração internacional tornou-se um fenômeno constituinte da sociedade brasileira.

Para além de crises esporádicas vividas pelo Brasil, demonstramos como a saída contínua de brasileiros tornou-se um processo de expulsão de parcelas mais vulneráveis da população (Alliez, Lazzarato, 2021). Em outras palavras, ela tornou-se um artifício adotado por setores da classe média e baixa para enfrentar o modelo econômico sustentado pelas elites nacionais, através de reformas e modernizações conservadoras

(Fernandes, 1975; Mazzeo, 2015). Um modelo centrado na falta de um projeto nacional e na abrupta abertura econômica nacional por meio de uma excludente agenda neoliberal adotada a partir do Consenso de Washington. Condição responsável por reduzir a complexidade e sofisticação produtiva de um país, que experiência um crescimento vegetativo e, ao mesmo tempo, lida com os desafios do envelhecimento de sua população, cada vez mais presente no cenário urbano.

## 1.1

## REFERÊNCIAS

1. ALLIEZ, É., LAZZARATO, M. (2021), Guerras e Capital. São Paulo: Ubu Editora.
2. ARAUJO, V. L.; MATTOS, F.A.M. (2021), A economia brasileira: de Getúlio a Dilma, novas interpretações. São Paulo: Hucitec.
3. BRAUDEL, F. (2018), Escritos sobre a História. São Paulo: Perspectiva.
4. DIAS, G.. 2019. Mobilidade migratória: uma leitura crítica para além de metáforas hidráulicas. REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana, 27(57), 61-78.
5. FERNANDES, F. (1987), A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro: Guanabara.
6. FIORI, J. L.. 2003. O vôo da coruja: para reler o desenvolvimentismo brasileiro. São Paulo: Record.
7. MAZZEO, A.C. (2015) Estado e Burguesia no Brasil: Origens da autocracia burguesa. São Paulo: Boitempo.
8. MEZZADRA, S. AND NEILSON, B.. 2013. Border as method, or, the multiplication of labor. Durham: Duke University Press.
9. SAYAD, A.. 1998. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp.
10. VAN DIJK, T.. 2019. Discurso e Poder. São Paulo: Editora Contexto.